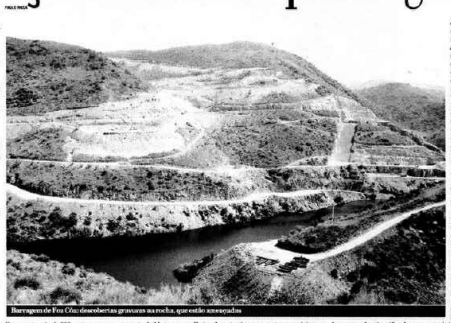
CULTURA

Descoberto santuário de importância mundial

Barragem de Foz Côa ameaça achado arqueológico

Manuel Carvalho

Durante anos as águas da barragem do Pocinho encobriram, a três metros de profundidade, cerca de 30 gravuras rupestres na rocha há mais de dez mil anos. Um arqueólogo descobriu-as recentemente, mas o destino coloca-lhes agora negras perspectivas, pois com a construção da barragem de Foz Côa ficarão depositadas a mais de 100 metros de profundidade. Para além da inundação de 900 hectares de solos úteis para o vinho do Porto e dos riscos ambientais que suscita, o projecto de Foz Côa revela agora esta nova ameaça.



Barragem de Foz Côa: descobertas gravuras na rocha, que estão ameaçadas

A barragem de Foz Côa já não é apenas uma ameaça para a modelar Quinta da Ervamoira nem para o património virtuoso e ambiental do Douro, a mais antiga região demarcada do mundo. As obras que decorreram recentemente na barragem espanhola de Saucelle provocaram o abaixamento da água da albufeira do Pocinho e o arqueólogo Nelson Rebouda teve oportunidade de a fazer uma descoberta de "extraordinária importância", afirma, "não apenas do ponto de vista nacional mas ao nível do que se conhece internacionalmente da arte paleolítica".

Quando o nível da água da albufeira do Pocinho desceu cerca de três metros, os olhos do arqueólogo encontraram, numa extensão de 200 metros, um conjunto de 30 gravuras de cavalos, bovídeos e caprídeos, com tamanhos que variam entre os 15 centímetros e os dois metros, marcadas nas rochas há mais de dez mil anos. Quando a albufeira de Foz Côa chegar às dimensões previstas pelo projecto de construção, aquela que já é considerada "uma das estações mais importantes do património arqueológico português e mundial" ficará irremediavelmente depositada a mais de oito metros abaixo da linha da água.

Nelson Rebouda, arqueólogo de 33 anos que trabalha no Instituto de Portugués do Patrimónios Arqueológico (Ipsar), estuda há mais de uma década o património pré-histórico da região e foi o responsável pela descoberta da gruta do Mazouco, em Freixo de Espada à Cinta, de inestimo conjunto de pinturas especiais tão como um dos cinco santuários ao ar livre mais importantes da Europa. Mas o que se lhe deparou nas margens do Côa ultrapassa o valor atribuído a qualquer das gravuras do género até então descobertas. "Trata-se sem dúvida de uma das mais importantes estações arqueológicas que se conhece", diz o arqueólogo.

E não apenas pela quantidade e qualidade das gravuras descobertas ao longo da margem esquerda do Côa. As recentes teses da arqueologia espanhola, que se têm baseado na presunção de que os santuários paleolíticos ao ar livre são "monotemáticos", fizeram agora pouco em causa pela diversidade das gravuras encontradas, que mostram espécies extremotas dos cavalos, bois e cabras selvagens. Estatísticas na rocha numa época em que o homem era ainda caçador recolector: as gravuras de Foz Côa representam assim "uma importantíssima fonte de estudo para os arqueólogos", assegura Nelson Rebouda.

Por isso, antes que as águas da próxima barragem de Foz Côa afoguem de vez o espólio descoberto pelo arqueólogo, "torna-se necessário de proceder a uma luta contra o tempo para se estudar devidamente". Uma reunião realizada na passada sexta-feira entre responsáveis do Ippar e a empresa do Grupo EDP, responsável pela construção da barragem não permitiu, no entanto, encontrar qualquer possibilidade para que os arqueólogos procedam à análise das gravuras antes da conclusão das obras da barragem.

Quaisquer que destas estratégias, novamente, "arriscado e muito caro", diz Rebouda. O salvamento das peças, por exemplo, obriga a riscos de "fastenagão". Por outro lado, a construção de uma protecção envolvente perpetuaria a sua ocultação mas retiraria aos arqueólogos a possibilidade de as estudar. Resta ainda um outro cenário, que é a construção de "um elevador subaquático" ou galerias de acesso ao local, alternativas que podem representar riscos da "ordem dos vários milhões de contos".

"Não está ainda decidido", diz Rebouda, até porque "a importância da descoberta transcende a responsabilidade da empresa" que, aliás, custeou os trabalhos de investigação que lhe estiveram na origem. Por isso, o arqueólogo considera que, "dado o interesse nacional e internacional do santuário, cabe o Estado que as organizações internacionais responsáveis pelo património, como a Unesco — um instituto da Unesco, aconselhou-se que Nações Unidas ligada à educação e à cultura — deveriam financiar as operações de estudo e salvamento".

Seja como for, a descoberta aumenta a polémica sobre a construção da barragem. Depois de várias organizações nacionais e internacionais ligadas à arqueologia e à vinicultura vieram demonstrar que a obra "fere de forma irreparável o património de uma das mais importantes regiões demarcadas do mundo", as dúvidas que alguns estudiosos colocaram à viabilidade do projecto pedem agora novo enquadramento. Quanto mais não seja porque a descoberta de Rebouda — diz Rui Vitor Cortes, da Universidade de Trás-os-Montes — serve para provar que o projecto não foi precedido de um amplo e rigoroso estudo patrimonial e ambiental.

Fig. 60 Artigo do Jornalista Manuel de Carvalho que divulgou, pela primeira vez, as gravuras de Foz Côa

NO VALE DO CÔA

Descoberto conjunto de arte do Paleolítico

O CENTRO Nacional de Arte Rupestre anunciou a descoberta no Parque Arqueológico do Vale do Côa do maior conjunto de arte móvel do Paleolítico Superior de Portugal com cerca de 60 exemplares. O director do centro, Martinho Batista, disse que se trata de placas de xisto com cerca de 10 a 20 centímetros de comprimento descobertas no núcleo rupestre do Fariseu, no âmbito da campanha de escavações arqueológicas iniciadas em 19 de Setembro e que terminou no início do mês. Nesta campanha participaram equipas do parque arqueológico e do centro nacional. O núcleo de arte rupestre do Fariseu situa-se perto de Vila Nova de Foz Côa e está habitualmente submerso pelo leito do Côa. Aproveitando uma descida temporária em cerca de dois metros do nível da albufeira do Pocinho (rio Douro) que afecta o Côa, foi possível identificar no leito deste rio, pela primeira vez em 1999, um painel de xisto com arte rupestre recoberto por terras que continham vestígios arqueológicos datados do Paleolítico Superior, explicou. As escavações realizadas este ano tiveram por objectivo "avaliar a extensão do sítio pré-histórico, caracterizar as actividades humanas realizadas no local e relacionar esta ocupação com a arte gravada nos painéis". A campanha permitiu a identificação de dois novos painéis gravados que se encontravam soterrados por níveis ocupados no Paleolítico Superior, além das cerca de seis dezenas de placas de xisto/arte móvel que Martinho Batista considera ser "o mais numeroso e notável conjunto de arte móvel do território nacional".

O director do Centro Nacional de Arte Rupestre salientou que as peças de arte móvel postas a descoberto permitem concluir que o Homem do Paleolítico "vivia junto às gravuras dos painéis rochosos e que estas o inspiraram para conceber as manifestações artísticas nas pequenas placas de xisto". Por isso, Thierry Aubry, arqueólogo que orientou as escavações, considera que face a estes achados – que podem ser atribuídos a cerca de 12 mil anos – é possível dizer que os painéis de rochas gravadas com motivos zoomórficos sobrepostos, podem ser atribuídos a mais de 18 mil anos. As escavações arqueológicas que hoje terminaram foram integralmente filmadas por uma equipa francesa que está a elaborar um documentário realizado por Geando Bouro, numa co-produção franco-portuguesa.

JF/ARQUIVO

***Há novas** gravuras em Foz Côa*

Fig. 61 Artigo "Descoberto conjunto de arte paleolítica", Jornal do Fundão, 21.10.2005